

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# ESTRATÉGIAS E PERSPECTIVAS DE LEITURA E ESCRITA COM O LIVRO “CHAPEUZINHOS COLORIDOS”

Filomena Beló Matos <sup>1</sup>

Orientadora: Sônia Merith Claras <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo traz a análise e sistematização do trabalho desenvolvido nos anos de 2016 e 2017, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, com alunos de uma turma de 6º ano do Colégio Estadual Professora Dulce Maschio – EFM, Guarapuava, Paraná. O objetivo geral dessa proposta educacional é, a partir da concepção de linguagem como forma de interação, formar alunos leitores e escritores, para isso foi utilizado o livro: “Chapeuzinhos Coloridos” de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta como suporte pedagógico. A necessidade de um trabalho direcionado nestas habilidades foi sendo percebida a partir das observações realizadas durante a prática em sala de aula e dos resultados obtidos pela escola nas avaliações externas dos últimos anos. A efetivação da proposta se deu através da implementação de uma unidade didática que foi finalizada com a dramatização dos contos de fadas que compõem o livro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Escrita; Interação; Contos de fadas.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do trabalho desenvolvido durante a participação no PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), no ano de 2016 – “*Estratégias e perspectivas de leitura e escrita com o livro: Chapeuzinhos Coloridos*”, cujo objetivo foi promover a prática da leitura e da escrita em sala de aula através dos contos de fadas, gênero capaz de tornar as aulas mais atrativas, tendo em vista a possibilidade de criar oportunidades de inserir os estudantes nas práticas discursivas orais e, conseqüentemente, melhorar o desempenho escolar de modo geral.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual do Paraná. Licenciada em Letras Anglo pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, Guarapuava/PR 1997.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade do Centro-Oeste, Guarapuava. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Diante da experiência de sala de aula, percebeu-se que uma forma eficiente de mobilizar os alunos para a prática da leitura e da escrita é através dos contos de fadas que fascinam e encantam a mente dos estudantes. Por meio da leitura dos textos, pôde-se trabalhar os valores sociais, pois os problemas estão vinculados à vida prática, concreta, cotidiana. A partir do momento que se consegue compreender a função social das leituras e produções realizadas, o educando interpreta melhor o que aprendeu.

Por isso, o trabalho esteve voltado para a realidade social, cultural e de aprendizagem dos estudantes da escola em relação à leitura e à escrita, que foram o foco do projeto, com metodologias que atendessem às necessidades e anseios dos alunos da escola.

A partir das atividades de leitura e escrita desenvolvidas, oportunizou-se momentos de reflexão a respeito das produções, levando os alunos à compreensão da importância em aperfeiçoar tais habilidades e que eles mesmos devem construir o hábito de ler e escrever prazerosamente. A escola é um espaço de interação que pode contribuir para a formação do aluno leitor e produtor de textos, garantindo-lhe oportunidades de crescimento pessoal, profissional e, essencialmente, efetiva participação na comunidade em que vive.

Para dar visibilidade ao trabalho realizado, primeiramente, será apresentada uma breve fundamentação teórica sobre leitura, escrita e oralidade. Na continuidade, serão expostas as ações desenvolvidas no decorrer do projeto e as contribuições do Grupo de Trabalho em Rede (GTR).

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM**

A linguagem sempre fez parte da história da humanidade para fins de se comunicar, expressar os sentimentos e opiniões no meio em que viviam. Esta, sempre inseparável dos seres humanos, permite-lhes interagir na sociedade através de manifestações diversas; tornando-se fundamental para o desenvolvimento da autonomia considerada básica para o exercício da cidadania.

Abordando a linguagem, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008, p. 55), remetem que no processo de: "... ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo." Portanto, é importante proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre a língua para que saibam utilizá-la nas mais variadas situações de comunicação na vida pessoal e social.

Considerando os conhecimentos prévios que os alunos possuem na memória, oportunizar situações favoráveis de interação no cotidiano do indivíduo contribui para ampliar as práticas discursivas relevantes para possíveis transformações na sociedade. Assim, Travaglia (2002, p. 23) vê a linguagem,

[...] como forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Com base no exposto, é imprescindível refletir sobre a interação e comunicação dos alunos com o mundo, para a formação do cidadão crítico e consciente. Pois o professor, como mediador do ensino, contribui diretamente no processo de aprendizagem do estudante, construindo o conhecimento tão necessário para as relações sociais.

Ao abordar a concepção de linguagem Geraldi (2012, p. 41) enfatiza:

*A linguagem é uma forma de interação:* mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Paraná (DCEs 2008, p. 53) ressaltam:

O aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos. O trânsito pelas diferentes esferas de comunicação possibilitará ao educando uma inserção social

mais produtiva no sentido de poder formular seu próprio discurso e interferir na sociedade em que está inserido.

Ao se pensar na escola, em seu papel relevante na formação do cidadão, a linguagem como forma de interação nas práticas de leitura, escrita e oralidade, deve ser trabalhada pelo professor de forma contextualizada, especialmente, fundamentada na realidade em que está inserida.

## **2.2 GÊNEROS TEXTUAIS**

Os gêneros fazem parte de nossa realidade e merecem uma atenção especial. A partir da definição do mesmo, deve-se delinear as razões e objetivos de aprendizagem que se pretendem atingir para obter bons resultados e que isto culmine numa atividade prazerosa. Portanto, cabe ao professor possibilitar ao aluno o contato com diferentes gêneros, levando-os para o universo escolar onde devem ser trabalhados, aprofundados e ampliados.

Os gêneros textuais são conteúdos vivenciados e necessários para subsidiar o desenvolvimento e aprimoramento da aprendizagem dos discentes, já que são ligados ao meio social através da comunicação entre indivíduos, envolvendo a realidade e as atividades ligadas a esta.

A respeito dos gêneros textuais, Marcuschi (2007, p 19) explicita que:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Sendo assim, os gêneros que circulam socialmente oferecem um rol de possibilidades de utilização. Suas formas se constituem de maneira tão dinâmica e variável, que se pode entender e difundir o funcionamento nas diferentes práticas sociais. Bakhtin (1979 apud Marcuschi 2006, p.19) define gênero como algo “relativamente estável”, compreendendo-o como aquele que se concretiza na interação dos sujeitos permitindo certa flexibilidade diante das situações cotidianas de comunicação.

Já os tipos textuais são limitados, caracterizam-se por traços predominantemente linguísticos e estão associados à estrutura do texto.

Marcuschi (2007, p. 24) define: "... texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual." Os gêneros e os tipos textuais são complementares e integrados, ambos não subsistem isolados e nem alheios um ao outro, sua utilização remete-se à compreensão estrutural de um texto, e às condições sociais que levam ao funcionamento e ao bom uso.

Dessa forma, vê-se gêneros transmitidos historicamente, porém com possíveis transformações ocorridas ao longo do tempo, em sua maioria de acordo com as necessidades e a realidade social. Pode-se afirmar, então, que "... quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível a mudanças e alterações por se achar estreitamente ligado a uma moldagem social." (Marcuschi, 2006, p. 29)

Vale ressaltar o que Marcuschi (2006, p. 28) afirma deste assunto:

Sabemos que os gêneros são históricos e culturais, mas não é comum fazer disso uma fonte de investigação. Quanto a isso, pode-se dizer que os gêneros não preexistem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva.

O trabalho com gêneros além de ampliar a competência linguística e discursiva dos alunos, possibilita-lhes várias oportunidades concretas de uso da linguagem como cidadãos conscientes e ativos. Com isso, busca-se estratégias que possam diversificar e enriquecer a capacidade do estudante de construir seu próprio caminho e sua própria história.

Nesse contexto, consta nas DCEs (2008, p. 53) que, ao se desenvolver atividades com gêneros, deve-se considerar que a língua é um instrumento de poder e é direito de todo o cidadão ter acesso a ela. Porém, o estudante precisa conhecer e se apropriar da norma culta, socialmente valorizada. E na escola pública frequentada por eles é que se dá a oportunidade de acesso à norma culta da língua. Conclui-se então, que a escola é um lugar privilegiado onde se promove a construção do conhecimento, tão necessário para exercer a cidadania e a transformação social.

## **2.3 LEITURA**

As atividades desenvolvidas com leitura, para que façam sentido para os alunos, devem inicialmente atender às vontades e aos gostos dos mesmos, permitindo que escolham os livros livremente e, assim, façam da leitura um ato prazeroso. É claro que o ideal é que os alunos leiam todos os gêneros e tipos textuais. Mas, para criar o hábito é preciso começar por temas que mais apreciam. Posteriormente, o professor deve empenhar-se em abordar temas diversificados de forma consciente e atrativa, pois apesar das tecnologias, a leitura continua sendo uma ferramenta importante para a interação dos jovens na sociedade.

De acordo com as DCEs (2008, p.71):

[...] a leitura é vista como um ato dialógico, interlocutivo. O leitor, nesse contexto, tem um papel ativo no processo da leitura, e para se efetivar como coprodutor, procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, nas suas experiências e na sua vivência sócio-cultural.

A prática assídua da leitura é importante em todos os momentos educacionais e áreas do conhecimento, possibilitando ao leitor uma interpretação própria, com propósito de compreendê-lo. Os textos estão no mundo e são interpretados constantemente, e podem transformar a realidade a partir do que foi construído durante as leituras.

Ao escrever sobre a prática da leitura Geraldi (1997, p. 167) explica:

O texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá. Sua materialidade se constrói nos encontros concretos de cada leitura e estas, por seu turno, são materialmente marcadas pela concretude de um produto com “espaços em branco” que se expõe como acabado, produzido, já que resultado do trabalho do autor escolhendo estratégias que se imprimem no dito. O leitor trabalha para reconstruir este dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras.

Portanto, o professor sabe da importância de seu papel e também da influência que exerce como educador. Por isso, deve valorizar os conhecimentos que o aluno possui e incentivá-lo a buscar o amadurecimento intelectual através da constante prática de leitura. Esses momentos precisam ser valorizados e motivados pelos professores de todas as disciplinas, e juntos envolvidos no mesmo objetivo, oferecerem oportunidades de leitura significativa para melhor compreensão dos conteúdos. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 70) é enfática ao

dizer que “... a leitura escolar dos textos de outras disciplinas representa uma oportunidade bastante significativa de aquisição de novas informações.”

Através da leitura, busca-se o conhecimento, a formação cultural e a participação ativa na sociedade, pois, para se ter um país justo e igualitário é necessário ser um leitor crítico, criativo e incansável, sempre em busca do crescimento. Segundo Geraldi (1997, p. 178), “... o que sabemos é muito pouco. E é este pouco que pode se tornar um querer saber mais. E é este querer saber mais que impulsiona a busca de respostas dadas por outros, em textos que vamos buscar, que vamos ler.”

Ler em voz alta é uma das alternativas possíveis de motivar os alunos, oferecendo-lhes o prazer que as histórias proporcionam, envolvendo-os nesse processo de comunicação que pode contribuir para a compreensão dos textos. A leitura é, portanto, uma atividade que se faz com outras pessoas.

Partindo desse princípio, Passarelli (2012, p. 194) orienta:

Valendo-se do fato de que a leitura contribui para a melhora do texto escrito, o professor lê em voz alta uma história para os alunos, fazendo as vezes de um contador de histórias. O sabor de experimentar ouvir uma história de modo desinteressado pode levar a criança (não só a criança) ao prazer. Com isso, inicia-se um ambiente interativo de uma forma menos convencional.

A leitura exige atenção e esforço da parte do leitor. É primordial que este se envolva nesta prática, cada vez com mais profundidade, e pelo seu próprio esforço, vença as dificuldades encontradas e acelere seu ritmo de interpretação. Para que isso se concretize, é necessário que os alunos assumam um compromisso com a prática da leitura e adquiram experiências culturais importantes para a integração social.

Marcuschi (2008, p. 229-230) afirma o seguinte, a respeito da leitura:

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida.

E sob essa perspectiva, considera-se que o conto de fadas pode contribuir intencionalmente como algo mágico, inserido em um universo



desconhecido e maravilhoso, para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico dos alunos.

## **2.4 ESCRITA**

Considera-se a produção de texto uma forma que o aluno tem de expor seus sentimentos, opinar a respeito de um determinado assunto, transmitir informações à sociedade, porém é necessário assumir o compromisso de expressar-se coerentemente para ser compreendido pelo leitor.

Tais estratégias, articuladas ao exercício efetivo de leitura de diferentes gêneros textuais, ajudam os alunos a desenvolver habilidades de escrita de modo que as produções apresentem qualidade e sejam enriquecidas com boas ideias. A observação da estrutura do texto, da pontuação e o conhecimento de palavras novas, contribuem para a desenvoltura da escrita. Estar atento à maneira particular de escrever do autor, pensar nas possibilidades de mudar o texto reescrevendo-o, auxiliam no aprimoramento da produção.

Segundo Lopes-Rossi (2006, p.78), através de projetos que têm como objetivo motivar os alunos para a produção, fica,

[...] mais clara e eficiente a contribuição que a leitura pode dar ao processo de produção escrita. Não é o caso de se oferecerem apenas modelos para os alunos reproduzirem. É o caso de dar-lhes oportunidade de desenvolver sua competência comunicativa pela apropriação das características típicas do gênero em estudo.

De acordo com as DCEs (2008, p. 68), “O educando precisa compreender o funcionamento de um texto escrito, que se faz a partir de elementos como organização, unidade temática, coerência, coesão, intenções, interlocutor(es), dentre outros.” A partir da vivência com diferentes gêneros textuais o aluno tende a se apropriar de condições favoráveis para que, de forma autônoma e com eficiência, produza seus textos apresentando elementos próprios.

Em algumas situações, é necessária uma mudança na postura do educador, interagir e desempenhar sua função, empenhado com sua prática. Se há contribuição dentro das possibilidades, já representa o início de uma transformação. Vale citar novamente Lopes-Rossi (2006, p. 80-81), quando conclui que propostas pedagógicas:

[...] dependem de uma mudança de concepção de ensino de produção escrita que requer, entre outras condições, um professor que atue como mediador de conhecimentos, orientador e parceiro dos alunos nas produções; um contexto que favoreça a interação entre alunos, a troca de conhecimentos, a valorização das habilidades individuais[...]

Portanto, o professor tem uma grandiosa missão a cumprir. Ciente de seus objetivos, e engajado na prática do ensino, deve oferecer momentos relevantes com a escrita para que o aluno se interesse por temas diversificados, adicione ideias novas, compartilhe algo interessante e, assim, tornar o texto satisfatório. De acordo com as DCEs (2008), o aluno, como sujeito que produz seus textos, precisa assumir o que escreve, pois tem o que dizer. E, através da escrita, o educando se manifesta, se posiciona e interage com a sociedade.

Ao criar condições para que os alunos se apropriem da produção textual, o professor contribui para a formação do cidadão participativo na sociedade. Ao levar os alunos a interagir e descobrir as condições de se produzir diversificados gêneros, favorece a interação, a troca de informações e dá-lhes oportunidade de se desenvolver.

Convém ressaltar que a produção textual requer revisão da parte do aluno, para que o resultado seja proveitoso e gratificante para o leitor. À medida que forem criando o hábito de rever seus textos e entender a importância que a escrita está presente no cotidiano dos cidadãos em todos os espaços e momentos, gradativamente estarão aptos para vencer na vida escolar e na sociedade.

A participação ativa na realização das tarefas direcionadas pelo professor permite trazer consequências significativas em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Também é imprescindível buscar caminhos plausíveis de serem trilhados para um ensino melhor, adequados à realidade escolar.

## **2.5 DRAMATIZAÇÃO**

Mais do que dar voz aos alunos, é vital desenvolver atividades para enaltecer a prática oral, ressaltando a valorização do desenvolvimento discursivo dos alunos, pois é um importante recurso que fortalece o exercício da cidadania. As DCEs (2008) salientam que se a escola "... é democrática e garante a

socialização do conhecimento, deve, então, acolher alunos independentemente da origem quanto à variação linguística de que dispõem para sua expressão e compreensão do mundo.” Desse modo, cabe à escola subsidiar momentos interativos onde os estudantes possam ser partícipes eficazes das atividades escolares.

Cabe lembrar aqui também que a oralidade, segundo Antunes (2003), a ser trabalhada, deve possuir um caráter interacional, pois a produção oral e a escrita têm a mesma importância, já que as duas se complementam. São práticas sociais e servem para a interação verbal dos sujeitos, considerando os inúmeros gêneros, apresentam variações dependendo da situação interacionista de uso da língua.

O gênero teatral, ao abordar assuntos que levam a refletir sobre situações e conflitos relacionados ao ser humano e também ao divertir e encantar, garante aprendizado aos alunos. Além disso, por meio da interatividade, estes têm a oportunidade de partilhar vivências enriquecedoras e questionadoras do mundo, elementos essenciais para o acesso ao universo sociocultural.

Atividades envolvendo apresentações, ajudam a superar a timidez daqueles alunos que denotam dificuldades em se expressar oralmente em público, desenvolvem a confiança e melhoram o desempenho escolar no contato coletivo com o grupo.

### **3. RELATO DE IMPLEMENTAÇÃO:**

A implementação do projeto “Estratégias e perspectivas de leitura e escrita com o livro: Chapeuzinhos Coloridos” teve a duração de 32 aulas e aconteceu no Colégio, em horário regular, com o acompanhamento da Direção e Equipe Pedagógica.

Para alcançar os objetivos propostos, leitura, escrita e oralidade com contos de fadas, foram desenvolvidas atividades que compuseram uma unidade didática. Os textos trabalhados fazem parte do livro: “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. Todo o trabalho teve a finalidade de ajudar os alunos a melhor dominar melhor o gênero textual conto, adequando-o à realidade e conscientizando-os do papel fundamental que exercem na sociedade.

O ponto de partida da implementação foi com a ajuda de voluntários (professores/pedagoga/funcionários), pois apresentamos uma dramatização improvisada do tradicional conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”.

Após a apresentação, comentamos a dramatização relembrando o quanto é antigo esse conto infantil e salientamos sua importância para as crianças no momento da contação de histórias.

Ainda, para contemplar a oralidade, os alunos participaram respondendo perguntas a respeito da importância da leitura e da escrita na formação do cidadão. Destacamos àqueles que não apreciam a leitura, sua necessidade e importância na atualidade.

Nesse aspecto, Perfeito (2005, p. 20) evidencia que “... o ato de ler não se trata de um mero transporte das informações do texto à mente do leitor, de um decifrar de sinais, de repetição de saber, mas que o leitor, através de artefatos, imprime sua interpretação, sua marca pessoal.”

Os alunos receberam um caderno personalizado para desenvolverem as atividades com os contos de fadas. Colaram a primeira história “Chapeuzinho Azul” e iniciaram fazendo leitura silenciosa. Em seguida, houve a leitura expressiva feita exclusivamente pela professora para que somente acompanhassem e observassem a entonação da voz. Depois, relembramos a história da Chapeuzinho e os elementos narrativos que a compõem. Através de questões interpretativas, trabalhou-se tempo, protagonista, antagonista e personagens secundários, e consultaram o dicionário em busca do significado das palavras desconhecidas.

Em outro momento, debateu-se a função do trabalho em grupo, seus benefícios para o aprendizado e construção do conhecimento do aluno. Onde o trabalho coletivo prevalece para aprenderem a aceitar opiniões diferentes.

Posteriormente, em pequenos grupos (4 alunos), iniciaram uma produção de texto cheia de imaginação. A cada 5 minutos, eram apresentados cartões diferentes aos grupos que teriam que acrescentar na história (um lugar, um objeto, uma personagem, animal...)

A atividade gerou conflitos devido a argumentos diversos e, ao mesmo tempo, euforia, devido a algum objeto inusitado que teriam que adaptar ao texto. O trabalho em grupo foi válido e os alunos puderam perceber sua importância para concretizar o trabalho proposto.

Inicialmente, conversamos sobre o momento da produção, se houve colaboração do grupo todo, se todos opinaram na escrita e deram ideias para enriquecer o texto. Discutimos os pontos negativos que precisariam ser melhorados nas próximas atividades em equipe e ressaltamos os pontos positivos para que se sentissem valorizados. Posteriormente, os alunos receberam os textos corrigidos e com anotações, a fim de que observassem as falhas cometidas, de concordância, gramática e pontuação, para que depois pudessem saná-las. Após as discussões, os alunos reescreveram o texto no caderno, fazendo as correções necessárias.

Em suma, pode-se dizer que:

De escritor, o sujeito passa a leitor de si mesmo, voltando a ser escritor novamente: altera partes de seu texto, inclui uma sentença ou outra, descarta um parágrafo, examina detalhadamente a adequação do material textual produzido àquilo que a língua escrita convencionou, verifica a exatidão quanto ao significado e a acessibilidade e aceitabilidade por parte do leitor. (PASSARELLI, 2012, p. 160)

O trabalho desenvolvido com a reescrita de textos dos alunos exigiu dedicação e preparo para melhor conduzi-los à leitura dos textos produzidos e reescritos no caderno à classe, para que os colegas pudessem ouvir, conhecer e escolher a história mais criativa. Foi necessário esclarecer aos alunos a importância de prestar atenção na leitura dos colegas, pois, ao ouvir, pode-se adquirir conhecimento e enriquecer a imaginação.

Para manter o interesse dos alunos pelas histórias, o conto da “Chapeuzinho Cor de Abóbora” foi narrado pela pedagoga do Colégio, Angela Maria Zimny. Em seguida, os alunos receberam o texto em “fatias” para ser organizado coerentemente. Em duplas, envolveram-se na atividade que, após ter sido ordenada na sequência lógica, foi conferida oralmente e colada no caderno. Alguns alunos demonstraram mais agilidade e concentração que outros. Porém, aqueles que concluíram mais rapidamente, auxiliaram outros colegas. Para aperfeiçoar a fluência leitora, a leitura do texto deu-se coletivamente e em voz alta, respeitando-se a pontuação e enfatizando-se a fala das personagens. Para finalizar, os alunos responderam questões interpretativas do texto, observando narrador-personagem e narrador-observador.

Com o conto “Chapeuzinho Verde”, trabalhou-se o gênero bilhete. De início, os alunos receberam um recado enviado por Marcus Aurelius Pimenta, um dos escritores do livro, incentivando-os a participarem ativamente das atividades.

Antes de conhecer a história, discutiu-se a estrutura do gênero e propôs-se a produção de um bilhete que Chapeuzinho deixa para a Vovó. Este foi fixado no quadro para que os alunos pudessem apreciar e observar os seus elementos, a ortografia, letra maiúscula, entre outros. Depois, todos comentaram de forma pertinente as observações e anotações para enriquecer a atividade e melhorar a escrita/reescrita.

Os alunos receberam o texto da Chapeuzinho Verde na íntegra para a prática da leitura silenciosa. Em seguida, cada aluno leu um trecho da história com atenção e segurança. Para finalizar, responderam questões interpretativas para recordar os acontecimentos do conto.

As atividades com a história “Chapeuzinho Branco”, foram desenvolvidas para que os alunos pudessem retratar as falas das personagens, utilizando corretamente o discurso direto e discurso indireto. Posteriormente, os alunos, sem conhecer o conto na íntegra, criaram finais diferentes: final comum, final engraçado e final trágico. A atividade foi desenvolvida em dupla para que um auxiliasse o outro, contribuindo com boas ideias, ortografia e pontuação. Juntos, destacamos a importância do trabalho em grupo para que a aprendizagem aconteça. O passo seguinte foi a socialização das produções e a escolha dos textos mais criativos.

Nesse sentido, Antunes (2003, p. 45), coloca que a atividade escrita é interativa da seguinte maneira:

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo.

Na atividade seguinte, com a “Chapeuzinho Lilás”, os alunos do 8º ano fizeram a leitura dramatizada da história para encantar ainda mais o momento.

A leitura do texto foi, inicialmente, silenciosa e, em seguida, em voz alta, todos atentos à entonação adequada pronunciando claramente as palavras das

frases. Após a atividade de interpretação escrita, a proposta foi produzir individualmente uma versão moderna da Chapeuzinho, modificando cenário, linguagem, personagens e situações. Os alunos precisaram demonstrar autonomia do planejamento à revisão, tornando-se autores de textos de qualidade. Após a produção, cada estudante trocou seu texto com um colega, para que um lesse o texto do outro e fizesse sugestões construtivas.

Prosseguindo, os textos produzidos foram corrigidos e reescritos para serem expostos num mural, com o objetivo de mostrar a todos que circulam pela escola as histórias criadas.

Sob esse enfoque, Geraldi (1997, p. 137) propõe que para produzir um texto o aluno precisa que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz [...]
- e) se escolham estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Com o último conto do livro “Chapeuzinho Preto”, a prática de leitura foi voluntária para estimular a espontaneidade dos alunos em participar da atividade sem se sentirem pressionados. Foram conscientizados de que a interação entre aluno e texto é imprescindível para que o resultado seja significativo.

Na sequência, os alunos responderam individualmente, em seus respectivos cadernos, questões de interpretação e compreensão do texto. Depois desta atividade, a proposta de produção foi em grupo, para oportunizar a criação de uma nova Chapeuzinho, utilizando as características próprias do conto. Ressaltou-se a importância do trabalho em equipe, da colaboração e participação do grupo no desenvolvimento do texto.

Concluindo as produções, os grupos fizeram a leitura dramatizada dos textos para a turma, a fim de dar sentido à atividade e ampliar a competência leitora dos alunos. Percebeu-se que houve a participação de todos os envolvidos, surtindo os efeitos esperados.

Através de atividades complementares escritas e orais, todos os contos foram retomados para certificar-se de que os alunos compreenderam os textos e também para melhorar o entendimento dos mesmos.

Para contemplar a oralidade, os alunos foram distribuídos em grupos para dramatizarem os contos. A atividade exigiu colaboração intensa de todos os integrantes para que a encenação tivesse sentido e fosse enriquecedora. Os alunos se prepararam e apresentaram as dramatizações para os familiares, professores e colegas. Durante essa atividade, os estudantes, apesar de serem considerados tímidos em sala, mostraram-se confiantes e com domínio das falas das personagens, o que proporcionou um belo espetáculo de aprendizado e crescimento pessoal.

A dramatização contribuiu para a socialização e o crescimento da linguagem oral dos alunos, e pode-se considerar uma das metodologias de ensino mais eficaz e notável na implementação. Enfim, constatou-se que o trabalho com dramatização dos contos não é fácil, porém a satisfação em ver o desenvolvimento do aluno é maior.

No decorrer da implementação, a maior dificuldade encontrada foi a falta de habilidade que muitos alunos apresentam em expor ideias, debater opiniões ou expressar-se espontaneamente, considerando que ainda não estão devidamente preparados para tais formas de exercícios orais. Por isso, considera-se que, atividades escolares envolvendo oralidade são de grande relevância tanto para o momento presente, quanto para o futuro dos estudantes.

Das seis histórias que compõem o livro, “Chapeuzinho Branco” é a que mais os alunos apreciaram, porque no início é triste, mas no desfecho a felicidade volta a reinar, quando o lobo é adotado e o caçador se casa com a mãe de Chapeuzinho. O final inusitado emocionou a turma.

A concretização da implementação é resultado de um trabalho em equipe e muita dedicação em prol do aprendizado dos alunos. Buscou-se planejar e desenvolver ações concretas que permitissem alcançar resultados e atendessem às expectativas dos alunos.

#### **4. CONTRIBUIÇÕES DO GTR**

A contribuição dos participantes do Grupo de Trabalho em Rede (GTR) foi significativa no sentido de analisar e enriquecer com sugestões o Projeto de Intervenção Pedagógico e a Produção Didático-Pedagógico.



No decorrer do curso, os professores participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre a prática de leitura e escrita em sala de aula, considerando que estas habilidades fazem parte da construção do cidadão, tornando-o capaz de interagir ativamente no meio em que vive com cidadania e ampliando as possibilidades de acesso ao mundo do trabalho.

Segundo comentários dos cursistas, são muitos os desafios encontrados nas aulas de Língua Portuguesa, porém é imprescindível o estímulo do professor em relação à prática da leitura e da escrita com o intuito de favorecer o desenvolvimento do aluno e atribuir maior significado às aulas.

“Constantemente eu invento, crio, recrio, reinvento e busco novas estratégias de incentivo à leitura, ciente de que o que aconteceu nas séries anteriores não importa mais. Agora este aluno é meu e a responsabilidade em torná-lo um ser mais esperto, mais criativo, mais dinâmico e principalmente, mais crítico é só meu.” (R. B. DE OLIVEIRA)

Os professores concluintes, preocupados em buscar novas alternativas para formar leitores e escritores conscientes e críticos perante a sociedade atual, demonstraram bastante interesse em utilizar, ou adaptar as atividades sugeridas em suas aulas, considerando as metodologias relevantes e de acordo com a realidade escolar.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento deste projeto teve como principal objetivo propiciar aos alunos oportunidades de práticas dinâmicas que contemplassem a leitura e a escrita através de contos de fadas, instigando o potencial criativo dos estudantes, buscando a formação de leitores conscientes e competentes, habilidades indispensáveis para o exercício da cidadania.

Contos de fadas contribuíram de forma eficaz para as ações de ler, ouvir, contar e, intencionalmente, explorar esses textos fantasiosos para que os alunos vivessem com intensidade a aventura imaginária à qual foram submetidos. Nesse sentido, Contos de fadas funcionam como um forte aliado e têm papel fundamental para o aprendizado, pois é uma alternativa de fortalecimento para o desenvolvimento das atividades por transmitir encantamento aos ouvintes.

Observa-se que, ao envolver os alunos nas atividades escolares, criam-se possibilidades satisfatórias de transformá-los, pois a participação ativa em projetos educacionais oportuniza o crescimento pessoal, maior autonomia na leitura e segurança na escrita.

É importante ressaltar que estudar, pesquisar e produzir materiais didáticos por meio da articulação entre teoria e prática, contribui tanto para a formação do professor, quanto para o aperfeiçoamento do aprendizado dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, as atividades com contos de fadas, que privilegiam a oralidade e a interação, tornam-se indispensáveis de serem inseridas para propiciar a obtenção de conhecimentos, assim como podem constituir-se como fonte de entretenimento.

## 10. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Anglo, 2012. p. 39 – 46.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim Siebeneicher. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 73 – 84.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19 – 36.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim Siebeneicher. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23 – 36.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de Linguagem, Teorias Subjacentes e Ensino de Língua Portuguesa. In: **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa** (Formação de professores EAD 18). v.1. 1 ed. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27 – 79.

SILVA, Eziquiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola pesquisas x propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática. 2005.

TORERO, José Roberto e PIMENTA, Marcus Aurelius. **Chapeuzinhos coloridos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 21 – 23.